

REFLEXÕES, MENTIRAS E METÁFORAS

Des. Antonio Carlos Esteves Torres

Já se fecha a primeira semana deste 2017, cheio de promessas de reformas e alterações. Nada de muito diferente de todo transpor das fronteiras cronológicas de um tempo convencional a outro. Um fator continua imutável. Lançam-se aos ares, em metafóricos fogos e metafísicos desejos, esperanças de que tudo, doravante seja diferente. Até mesmo os resultados da autoimagem modificada que o nosso reflexo reproduz em espelhos.

Mas, como disse Verissimo, na coluna de ontem, 8 de janeiro, em O GLOBO, “... *o espelho reflete o que vê. Não mente*”. No outro lado do espelho, tudo seria ao contrário, inclusive (desculpe-me a intromissão, especialmente,) nós. Estaríamos na terra dos opostos, e nos conheceríamos pela primeira vez.

Ninguém desata nó com espada, como fez Alexandre, na lembrança de Besserman Vianna, para justificar a simplicidade de soluções incompletas, embora eficazes, em parte. O corte não vai consertar o sistema político-eleitoral, desprovido de legitimidade fática. A outra falácia carente de destino é a econômica. Seja o desarranjo interno, seja o externo, estamos todos a observar como se desfará o nó, ou se porá em pé o ovo, sem rupturas.

Verissimo, na quinta-feira, dia 5, levantava uma pontinha do que todos sabem e escondem no silêncio da hipocrisia. Para explicar o que seria empatia, capacidade de sentir ou reagir como o outro, colocar-se em seu lugar, vaticina: Tanto nossa falta de empatia quanto o descaso das autoridades, que gera o horror, vêm do nosso passado escravocrata. Mais abaixo, complementa: *Eram bichos, não eram homens. Não tenho nada a ver com eles. Somos de raça diferente, vivemos em países diferentes. Embora, eu seja da raça dos responsáveis pelo que eles se tornaram.* Nada lhes posso oferecer, mesmo tendo-os trazido à força na travessia atlântica amontoados na classe única dos navios negreiros, e, aqui, após expirada a validade de uso, quando nem para reprodutor serviriam, despejados ao estilo de coisa, como ainda continuam a ser.

Flávia Piovesan, professora de direito em São Paulo (PUC), mesmo sem ter conversado com Verissimo, o que seria improvável, embora seja nítida a identidade filosófica e ideológica dos pensamentos, ao clamar, nesta mesma página do dia 5, por *Urgente combate aos crimes de ódio*, levanta a necessidade de potencializar, como a professora diz, *a ideologia emancipatória da Declaração Universal de 1948, surgida das atrocidades do nazismo*, no caminho da ruptura com os direitos humanos, trazendo à baila ataques terroristas em nome de Alá e atos de morticínio sexista, xenófobo, homofóbico, com o resultado do avanço de doutrinas da superioridade baseadas em diferenças.

Veja lá, generoso leitor, entra ano, sai ano, a conversa é a mesa: precisamos nos humanizar, para que as grandes mentiras façam cessar a mudança do rumo histórico. A metáfora hegeliana concluída por Fukuyama, sobre o fim da história, equilíbrio entre capitalismo e democracia, passa pela incapacidade de os resultados da evolução social serem observados no pós-estagnacionismo jamais visto dentro da realidade material de seu significado. Agora mesmo, a confirmar as dificuldades de se estabelecer uma fotografia do tempo histórico, quando se aproxima o meio século do fim da Guerra do Vietnã, alguns analistas acreditados, começam a rever os reflexos do conflito. Karl Marlantes, Fuzileiro durante o período, demonstra as

consequências, agora nítidas, do comportamento dos dirigentes de seu país, a começar por um aspecto tão comum a qualquer consciência menos desfavorecida: O Campeão Cassius Clay, posteriormente, Muhammad Ali, teve que se refugiar, a exemplo de tantos outros, no Canadá, para não atender à convocação à guerra. Os filhos d'algo não se importavam com isso, faziam como fizeram muitos de nossos reizinhos (antes que a situação convidasse as autoridades a não recrutar, por falta de verba, para alimentação), que, na hipótese mais digna e patriótica, serviam aos contingentes de preparação de oficiais para reserva, ou, “mentiam” argumentando com deficiência física ou excesso de contingente (O Sr. Trump adotou a estratégia).

Marlantes, como relata em artigo publicado no New York Times, deste último dia 7, aponta para um corolário histórico sobre a Guerra do Vietnã: Além da perda de quase 60.000 jovens norte-americanos, a Guerra do Vietnã mudou o país, para pior, em muitas formas. Transformou-os em cínicos e desconfiados, especialmente em relação ao governo. Os filhos do articulista, às risadas, destruíram a crença de que “... *an American presidente wouldn't lie to Americans*. Ora, meu caro ingênuo, presidentes e políticos mentem. Nixon foi desapeado do poder, por ter mentido sobre o que agora os agentes do Czar Putin fazem, em explícita desfaçatez, aliás em prol do mesmíssimo GOP. Clinton (acho que essa foi uma das razões de Hilary ter sido derrotada) esteve na corda bamba pela “firmeza” do ...” *I did not have sex with that woman...*”

O fato descrito no artigo de Marlantes é o mesmo, na sua ontologia, guardadas proporções e concepções, da desigualdade econômica pintada por Piketty, em seu supercitado *O Capital no Século XXI*, mas a situação se agrava porque, enquanto a elite tenha se afastado das Forças Armadas, as perdas da guerra se verificaram nos filhos das classes trabalhadoras. Se o aprofundamento da desigualdade aumentar, também aumentará o ressentimento, com a possibilidade do crescimento da divisão entre militares e civis, com resultados provenientes mais da lealdade entre comandantes e comandados do que em relação ao país. Esses são os caminhos para, como sugere o título do artigo, a ópera já vista: *A Guerra Que Matou a Confiança*.

Vejamos um outro lado. Leonid Bershidsky, também neste *O GOBO* de 8.1.2017, adverte: *O Ocidente Vive Queda de Confiança*. O Autor parte da ironia do Sr. Trump em relação aos serviços de inteligência americanos, recentemente “hackeados” por agentes russos, para fins de influência eleitoral. Exatamente como ocorreu no longínquo início da década de 70 do século passado, o que provocou a renúncia do Presidente Nixon, que soubera, sempre, da tentativa de invasão dos escritórios democratas no Edifício Watergate, em Washington. O articulista, colunista da Bloomberg News, de origem russa, assevera nunca ter acreditado *numa só palavra vinda dos serviços de inteligência do meu país*. E diagnóstica: *Trump e os partidários do Brexit venceram porque não ignoraram uma massa desconfiada- aprenderam a pensar como esse público*.

Pode não ter sido só isso. Até porque, no caso americano, a consciência do país permanece comprimida entre os sulistas e os ianques, cujo conflito, desde a metade do século XIX, ainda provoca reações como a ocorrida com respeito à bandeira confederada há menos de dois anos, na Carolina do Sul, em cujo território ocorreu o massacre de Charleston, no qual um atirador matou nove pessoas que assistiam ao culto religioso em uma igreja. A abolição da escravidão continua no centro dos atritos, mesmo se sabendo que o significado do ódio racial estampado na bandeira seria meramente simbólico e o distintivo não representaria os estados separatistas.

Muito bem. As lições a serem colhidas deste relato transitam por esquemas de REFLEXÃO (título do trabalho de Verissimo) que nos remetem à “ estupidez” da imobilidade da Terra, que custou

a Galileu a compulsão do acolhimento da mentira, embora, para seus valores, repetisse, de si para consigo, *“e pur si muove”*; passa-se por Dreyfus, oficial judeu do exército francês torpemente vilipendiado pela vilania antissemítica, para o mergulho na nossa realidade da fraude da Lei Áurea, pela qual todos estavam livres para morrer de fome, com as consequências óbvias nela encerradas: A sociedade brasileira é a elite. O preto, o pobre ou a puta continuam a popular os estabelecimentos penais ou o fundo de poços e rios, última morada de quem perdeu a confiança, visto que a esperança mais do que tênue é absolutamente desgastada.

Esse tema tem sido tratado recorrentemente e quase inutilmente. Fica em textos literários e na manutenção das castas oficiosas do sempre da constituição demográfica brasileira. Em episódios, que a inconsciência denomina *acidente*, como se fora eventual e efêmero, todos esses ingredientes se encontram alojados. Besserman adverte: *“... não morrer não é viver bem. Como escapar da armadilha dos países de renda média? Um nó górdio para uma sociedade tão profundamente desigual como a nossa. O caminho principal é a educação e a valorização do conhecimento.* E você, meu colega magistrado, posto frente ao desafio de combater tão gigantescos problemas, na capilaridade de um divórcio de cada dia; da fraqueza do consumidor enganado; do preso cuja audiência de custódia não o transforma em príncipe de hábitos fidalgos? Do devedor que não paga porque o governo da corrupção lhe retirou o salário, na mais evidente onerosidade excessiva da invencível desigualdade?

A solução pode passar, mesmo a longuíssimo prazo, pelo expresso reconhecimento deste cenário de fraudes, para, quanto mais não seja, coletados os dados científicos, como os que vêm dessas manifestações ressaltadas, repetidas à exaustão, se adapte, por exemplo, a prestação jurisdicional aos novos valores que nascem do despojamento da confiança, reconstruída via de educação suficientemente fornecida, e diminuídas as desigualdades. Vamos, assim, cumprindo a nossa parte.